



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE LETRAS

FERNANDA GALDINA DOS SANTOS

**DOR, SILENCIO E TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DE CRUZ E SOUSA:
UM DIÁLOGO ENTRE SIMBOLISMO E POÉTICAS NEGRAS
CONTEMPORÂNEAS**

RIO DE JANEIRO – RJ

2025

Fernanda Galdina Dos Santos

**DOR, SILENCIO E TRANSCENDÊNCIA NA OBRA DE CRUZ E SOUSA:
UM DIÁLOGO ENTRE SIMBOLISMO E POÉTICAS NEGRAS
CONTEMPORÂNEAS**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciada em Letras na habilitação Português-Literatura.

Data da avaliação:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Prof. Dr. Godofredo de Oliveira Neto - (professor Adjunto - UFRJ) - **Nota:**

Prof.^a Dr.^a Anélia Pietrani – (professora Associada -UFRJ) - **Nota:**

Assinatura do professor orientador:

Godofredo de Oliveira Neto

Assinatura do avaliador leitor crítico:

Anélia Pietrani

ESPAÇO RESERVADO PARA FICHA CATALOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

A Deus, por conceder-me força, perseverança e discernimento ao longo de todo o percurso acadêmico.

Ao Professor Dr. Godofredo, orientador deste trabalho, pela disponibilidade, pelas orientações precisas e pelas contribuições fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro e ao corpo docente do curso de Letras, pela formação acadêmica oferecida e pelo conhecimento compartilhado ao longo da graduação.

Aos meus familiares, pelo apoio, pela compreensão e pelo incentivo constantes, em especial ao meu marido e aos meus filhos, pelo amor, pela paciência e pelo apoio incondicional, bem como à minha irmã, cujo auxílio foi essencial nos momentos de maior dificuldade.

À minha amiga Isabela, pelo companheirismo, pelo incentivo e pela presença ao longo dessa trajetória.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

*Todos os desclassificados do destino,
Todos os vacilantes,
Todos os sem rumo,
Todos os sem objetivo certo,
Todos os silenciosos do orgulho nobre,
Todos os corações amargos e fracos,
Todos os dolentes e desolados do espírito,
Todas as vidas de meia luz e de meia sombra,
Todos os vencidos da glória,
Todos os inacabados,
Todos os incompletos que aspiram um Ser;
Todos os que ondulam entre a Fé e a Dúvida,
Todos os incompreendidos,
Todos os irresolutos ou covardes morais,
(...)
Hão de senti-lo
E amá-lo.*

(Cruz e Sousa, Signos)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a poética de Cruz e Sousa, especialmente nos eixos da dor, do silêncio e da transcendência, relacionando-a tanto ao Simbolismo quanto às produções afro-brasileiras contemporâneas. Parte-se da compreensão de que esses elementos não se configuram apenas como temas recorrentes, mas como princípios estruturantes da linguagem poética. A pesquisa adota uma metodologia qualitativa, de natureza bibliográfica e analítico-interpretativa, fundamentada na leitura crítica de poemas de Broquéis e Missal, bem como em estudos teóricos e críticos sobre Simbolismo, literatura afro-brasileira e racismo estrutural. A análise evidencia que, na obra cruz-sousiana, a dor se manifesta como experiência-limite transfigurada simbolicamente, o silêncio opera como tensão entre palavra e indizível, e a transcendência se configura como gesto poético inacabado, marcado pelo impasse entre matéria e absoluto. O diálogo com autores e autoras afro-brasileiros/as contemporâneos/as revela que esses mesmos eixos permanecem relevantes, porém ressignificados a partir de outras condições históricas de enunciação, nas quais a memória coletiva, a ancestralidade e a afirmação identitária assumem papel central. Conclui-se que a obra de Cruz e Sousa ultrapassa seu contexto histórico e continua a produzir sentidos quando colocada em diálogo com poéticas negras contemporâneas, contribuindo para uma leitura mais ampla e crítica da literatura brasileira.

Palavras-chave: Cruz e Sousa. Simbolismo; Literatura afro-brasileira. Dor. Silêncio. Transcendência.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the poetics of Cruz e Sousa, particularly through the axes of pain, silence, and transcendence, relating them both to Symbolism and to contemporary Afro-Brazilian literary productions. It is based on the understanding that these elements are not merely recurring themes, but rather structuring principles of poetic language. The research adopts a qualitative methodology of a bibliographic and analytical-interpretative nature, grounded in the critical reading of poems from Broquéis and Missal, as well as in theoretical and critical studies on Symbolism, Afro-Brazilian literature, and structural racism. The analysis shows that, in Cruz e Sousa's work, pain manifests itself as a limit-experience symbolically transfigured, silence operates as a tension between word and the unsayable, and transcendence is configured as an unfinished poetic gesture, marked by the impasse between matter and the absolute. The dialogue with contemporary Afro-Brazilian authors reveals that these same axes remain relevant, although re-signified by different historical conditions of enunciation, in which collective memory, ancestry, and identity affirmation assume a central role. It is concluded that Cruz e Sousa's work transcends its historical context and continues to generate meaning when placed in dialogue with contemporary Black poetics, contributing to a broader and more critical reading of Brazilian literature.

Keywords: Cruz e Sousa. Symbolism. Afro-Brazilian literature. Pain. Silence. Transcendence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	3
2 REFERENCIAL TEÓRICO	5
2.1 SIMBOLISMO E POÉTICA DE CRUZ E SOUSA: FUNDAMENTOS LITERÁRIOS	5
2.2 RAÇA, SILENCIAMENTO E REPRESENTAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL E CRÍTICA LITERÁRIA	7
2.3 DOR, CORPO E MEMÓRIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: APROXIMAÇÕES COMPARATIVAS.....	8
3 METODOLOGIA.....	11
4 RESULTADOS E ANÁLISE.....	13
4.1 DOR E EXPERIÊNCIA-LIMITE NA POÉTICA DE CRUZ E SOUSA	13
4.2 SILÊNCIO, INDIZÍVEL E TENSÃO SIMBÓLICA	14
4.3 TRANSCENDÊNCIA COMO GESTO POÉTICO E IMPASSE	16
4.4 DIÁLOGOS COM POÉTICAS AFRO-BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS	17
4.5 SÍNTESE DOS RESULTADOS.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, ao longo de sua história, foi marcada por tensões profundas entre estética, poder e silenciamento. Quando o assunto é a presença de escritores negros no cânone literário nacional, é possível que essas tensões se tornam ainda mais evidentes, uma vez que a produção intelectual desses sujeitos frequentemente foi atravessada por processos de marginalização, apagamento e leitura enviesada. Em tal contexto, a obra de Cruz e Sousa (1861–1898), poeta central do Simbolismo brasileiro, emerge como um espaço singular de elaboração estética da dor, do silêncio e da transcendência, elementos que não apenas estruturaram sua poética, mas também dialogam diretamente com sua experiência histórica e racial.

Cruz e Sousa foi consagrado, ainda em vida, como o “cisne negro” do Simbolismo, expressão que, embora pretenda reconhecer seu talento, acaba por reforçar uma lógica racializante que o inscreve como exceção em um campo literário hegemonicamente branco. Diante desse panorama, sua poesia passa a ser lida tanto como exercício estético refinado — marcado pela musicalidade, pela sugestão, pela linguagem simbólica e pelo indefinido — quanto como expressão de uma subjetividade atravessada pela violência do racismo estrutural, isto é, por um sistema que organiza hierarquias sociais e simbólicas a partir da raça (Almeida, 2019). Assim, dor e silêncio não se apresentam apenas como temas abstratos, mas como experiências vividas e transfiguradas poeticamente.

No que diz respeito aos fundamentos do Simbolismo, a crítica aponta que esse movimento buscava romper com a objetividade do Realismo e do Naturalismo, privilegiando a subjetividade, a sugestão e a transcendência como caminhos para acessar dimensões ocultas da experiência humana (Bosi, 1994). Entretanto, no caso de Cruz e Sousa, essa busca pela transcendência não se dá de forma desvinculada da materialidade do corpo e da memória. Pelo contrário: o corpo negro, historicamente violentado e silenciado, acaba se tornando um espaço simbólico de tensão entre sofrimento e elevação espiritual, ou seja, entre a dor concreta e o desejo de superação metafísica.

Em relação à recepção crítica da obra cruz-sousiana, observa-se que, por muito tempo, sua condição racial foi minimizada ou tratada como elemento secundário, como se fosse possível dissociar estética e história. No entanto, estudos mais recentes têm demonstrado que o silêncio imposto ao poeta — tanto em vida quanto na fortuna crítica posterior — está profundamente ligado às estruturas raciais da sociedade brasileira (Schwarcz, 1993; Cândido,

2006). Diante disso, torna-se necessário reler Cruz e Sousa a partir de uma perspectiva que reconheça o racismo como elemento constitutivo de sua trajetória e de sua produção poética.

Quando o assunto é a literatura afro-brasileira contemporânea, percebe-se que temas como dor, silêncio, corpo e memória continuam a ocupar lugar central, ainda que ressignificados à luz de outras experiências históricas e políticas. Autores e autoras como Conceição Evaristo, Elisa Lucinda e Cuti elaboram poéticas que, assim como a de Cruz e Sousa, transformam o sofrimento em linguagem, a memória em resistência e a palavra em instrumento de transcendência simbólica. Nesse sentido, o diálogo entre o Simbolismo cruz-sousiano e as poéticas negras contemporâneas não se dá por mera aproximação temática, mas pela partilha de uma experiência histórica comum, marcada pela violência racial e pela luta por reconhecimento.

Diante desse panorama, esta pesquisa se orienta pela seguinte pergunta-problema: em que medida a obra de Cruz e Sousa articula dor, silêncio e transcendência dentro do Simbolismo, e como esses elementos dialogam com as poéticas de escritores/as negros/as contemporâneos/as diante do racismo estrutural? A partir dessa questão, o objetivo geral do estudo é analisar a poética de Cruz e Sousa, especialmente nos eixos da dor, do silêncio e da transcendência, relacionando-a tanto ao Simbolismo quanto às produções afro-brasileiras contemporâneas.

Como objetivos específicos, busca-se: analisar a construção estética da dor, do silêncio e da transcendência na obra de Cruz e Sousa à luz dos fundamentos simbolistas; investigar como sua condição racial e o racismo estrutural influenciaram os processos de silenciamento e a recepção crítica de sua obra; examinar de que modo o corpo e a memória se manifestam em sua poesia como espaços de dor, resistência e elaboração simbólica; e, por fim, estabelecer um diálogo comparativo entre sua poética e produções afro-brasileiras contemporâneas, identificando continuidades e ressignificações desses temas.

A justificativa deste trabalho reside na necessidade de ampliar as leituras críticas sobre Cruz e Sousa, superando abordagens que isolam sua obra do contexto racial e histórico em que foi produzida. Além disso, ao aproximar sua poesia das poéticas negras contemporâneas, este estudo contribui para a valorização da literatura afro-brasileira como campo legítimo de produção estética e reflexão social. Trata-se, portanto, de uma investigação que articula literatura, história e raça, reconhecendo que, na palavra poética, dor e silêncio também podem ser formas de resistência e caminhos de transcendência.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 SIMBOLISMO E POÉTICA DE CRUZ E SOUSA: FUNDAMENTOS LITERÁRIOS

O Simbolismo emerge, no final do século XIX, como uma reação estética e filosófica às propostas objetivistas e racionalistas que marcaram o Realismo e o Naturalismo. Quando o assunto é a estética simbolista, o foco desloca-se da representação direta do mundo exterior para a sugestão, a subjetividade e a busca por uma linguagem capaz de expressar aquilo que escapa à razão discursiva. Em tal contexto, a poesia passa a operar menos como descrição e mais como evocação, isto é, como um espaço de tensão entre o dizível e o indizível, o visível e o invisível.

No Brasil, Cruz e Sousa ocupa uma posição central na consolidação do Simbolismo, não apenas por introduzir formalmente seus princípios estéticos, mas sobretudo por radicalizá-los em uma poética marcada pela densidade sensorial, pela musicalidade extrema e por um constante movimento de transcendência. Diante desse panorama, sua obra não pode ser compreendida apenas como assimilação de modelos europeus, mas como uma elaboração singular que tensiona os próprios limites do Simbolismo, explorando ao máximo suas potencialidades expressivas.

Um dos fundamentos centrais da poética simbolista é o princípio da sugestão. Diferentemente da linguagem referencial, a palavra simbólica não busca nomear de forma direta, já que sua força reside justamente na ambiguidade e na abertura de sentidos. No que diz respeito à obra de Cruz e Sousa, a sugestão se manifesta por meio de imagens fluidas, recorrências vocabulares e atmosferas nebulosas, que convidam o leitor a uma experiência sensível e intuitiva do poema. Conforme aponta Bosi (2006), o poeta simbolista não pretende explicar o mundo, mas insinuá-lo, criando um campo de ressonâncias emocionais que se constrói no silêncio entre as palavras.

Essa lógica da sugestão está profundamente articulada à musicalidade, outro eixo estruturante da poética cruz-sousiana. Portanto, para o Simbolismo, o poema se aproxima da música justamente porque ambas compartilham a capacidade de provocar sensações sem depender de significados fixos. Em Cruz e Sousa, a musicalidade não se limita à métrica ou à rima, mas se expande para a organização sonora do texto como um todo, por meio de aliterações, assonâncias e ritmos obsessivos. Em tal perspectiva, a palavra deixa de ser apenas signo semântico e passa a funcionar como matéria sonora, intensificando o caráter sensorial da experiência poética.

Além disso, a sinestesia aparece como um recurso privilegiado na construção dessa linguagem sensível. Quando o assunto é a sinestesia simbolista, trata-se da fusão de diferentes percepções sensoriais — sons que se tornam cores, imagens que evocam sensações táteis ou auditivas —, criando um efeito de estranhamento e expansão da percepção. Na obra de Cruz e Sousa, a sinestesia opera como um mecanismo de ruptura com a lógica racional, uma vez que dissolve fronteiras entre os sentidos e instaura uma experiência poética totalizante. De acordo com Candido (2006), esse procedimento amplia o alcance expressivo da poesia, permitindo que o poema atinja zonas da sensibilidade inacessíveis à linguagem ordinária.

Outro conceito fundamental para a compreensão da poética simbolista, e particularmente da obra de Cruz e Sousa, é o chamado “indefinido”. No Simbolismo, o indefinido não é um defeito da linguagem, mas uma escolha estética deliberada. Ou seja, trata-se de recusar a precisão conceitual em favor de imagens vagas, atmosferas difusas e estados de espírito difíceis de nomear. Em relação a Cruz e Sousa, essa opção estética se materializa em imagens de névoa, sombra, noite, silêncio e abismo, que constroem um universo poético marcado pela instabilidade e pela tensão entre presença e ausência.

Essa recusa da definição rígida está diretamente ligada à busca pela transcendência, talvez um dos aspectos mais recorrentes e complexos de sua obra. No Simbolismo, a transcendência não se configura necessariamente como uma experiência religiosa institucionalizada, mas como um movimento de superação da materialidade imediata em direção a um absoluto indefinível. Já que a realidade concreta é percebida como insuficiente, o poema se torna um espaço de ascensão, de tentativa de contato com uma dimensão superior, espiritual ou metafísica. Em Cruz e Sousa, esse impulso transcendente atravessa seus versos de forma intensa, seja na busca por uma pureza idealizada, seja na tentativa de alcançar uma verdade que se encontra além da experiência sensível comum.

A linguagem simbólica, por sua vez, funciona como o instrumento central dessa operação poética. Quando o assunto é o símbolo, ele não deve ser confundido com alegoria ou metáfora explicativa. O símbolo, conforme destaca Chevalier e Gheerbrant (2020), é aberto, polissêmico e irreduzível a um único significado. Na poesia de Cruz e Sousa, os símbolos não esclarecem; eles inquietam, sugerem e desestabilizam. Em tal contexto, o leitor é convocado a participar ativamente do processo de significação, construindo sentidos a partir de sua própria experiência sensível e emocional.

Diante desse panorama, percebe-se que a poética de Cruz e Sousa se estrutura a partir de uma articulação complexa entre sugestão, musicalidade, sinestesia, indefinição, transcendência e linguagem simbólica. Esses elementos não aparecem de forma isolada, mas se

entrelaçam na construção de uma poesia que privilegia o excesso sensorial, o mistério e a busca por aquilo que não pode ser plenamente dito. Desse modo, essa estética, ao tensionar os limites da linguagem, inscreve Cruz e Sousa como um dos principais nomes do Simbolismo brasileiro, cuja obra permanece aberta a múltiplas leituras e interpretações no campo dos estudos literários.

2.2 RAÇA, SILENCIAMENTO E REPRESENTAÇÃO: HISTÓRIA SOCIAL E CRÍTICA LITERÁRIA

A trajetória de Cruz e Sousa no campo literário brasileiro não pode ser compreendida de maneira dissociada das estruturas sociais e raciais que organizavam o Brasil do final do século XIX. Em relação a esse período histórico, a abolição formal da escravidão não significou a incorporação efetiva da população negra aos espaços de prestígio cultural e intelectual. Diante desse panorama, a literatura funcionava como um espaço regulado por normas implícitas de pertencimento, nas quais raça, classe e capital simbólico operavam como filtros de legitimação.

Quando o assunto é a produção intelectual negra no pós-abolição, autores como Schwarcz (1993) evidenciam como o pensamento racial vigente contribuía para a consolidação de hierarquias que naturalizavam a exclusão. Em tal contexto, o racismo científico e as teorias evolucionistas influenciaram diretamente a forma como sujeitos negros eram percebidos e representados nos discursos letRADOS. Ou seja, a recepção da obra de Cruz e Sousa ocorreu em um ambiente crítico atravessado por concepções racializadas que interferiam tanto na leitura de seus textos quanto na avaliação de sua legitimidade como poeta.

No que diz respeito ao silenciamento, este não se manifesta apenas como apagamento explícito, mas também como um processo de enquadramento discursivo. Conforme argumenta Michel-Rolph Trouillot (1995), o silenciamento atua na produção da história ao selecionar quais narrativas são registradas, valorizadas ou esquecidas. Aplicado ao campo literário, isso significa que determinadas vozes são autorizadas a representar o universal, enquanto outras são confinadas a posições marginais ou exóticas. Sendo assim, nesse processo, Cruz e Sousa foi muitas vezes lido a partir de marcadores raciais que desviavam a atenção da complexidade estética de sua obra.

A crítica literária do período, ao lidar com a produção cruz-sousiana, frequentemente oscilou entre o reconhecimento formal de seu talento e a insistência em sublinhar sua condição racial como elemento explicativo de sua escrita. Em relação a isso, Munanga (2019) destaca como o racismo à brasileira se caracteriza justamente por sua dimensão velada, isto é, por práticas discriminatórias que se apresentam de forma indireta, mas não menos eficaz. Em tal

contexto, a obra de Cruz e Sousa foi atravessada por leituras que, ao invés de analisarem seus procedimentos estéticos, recorriam a categorias racializantes para interpretá-la.

Outro aspecto relevante diz respeito às redes de sociabilidade letrada. Quando o assunto é o funcionamento do campo literário, Bourdieu (1996) evidencia que o reconhecimento simbólico depende não apenas da qualidade da obra, mas das relações sociais, institucionais e editoriais que sustentam sua circulação. No caso de Cruz e Sousa, essas redes eram marcadas por assimetrias profundas, o que dificultava sua inserção plena nos circuitos de consagração. Diante desse panorama, sua presença no meio intelectual foi constantemente tensionada por barreiras invisíveis, que afetavam tanto sua trajetória pessoal quanto a permanência de sua obra no cânone.

Além disso, a noção de representação assume papel central nessa discussão. Stuart Hall (2016) argumenta que a representação não é um simples reflexo da realidade, mas um processo ativo de construção de sentidos. Em relação à figura do intelectual negro no Brasil oitocentista, as representações disponíveis eram limitadas e estereotipadas, o que acabava condicionando a forma como Cruz e Sousa era percebido pelos seus contemporâneos. Ou seja, sua produção literária era frequentemente lida a partir de expectativas raciais previamente estabelecidas, o que restringia o horizonte interpretativo de sua obra.

Diante desse conjunto de fatores, percebe-se que o silenciamento da poética cruz-sousiana não se deu apenas pela ausência de reconhecimento imediato, mas por um complexo sistema de mediações sociais, raciais e críticas. Em resultado esse processo contribuiu para leituras parciais e reducionistas, que por muito tempo impediram uma compreensão mais ampla da densidade estética e simbólica de sua obra. Em tal contexto, revisitar a recepção crítica de Cruz e Sousa implica questionar os próprios critérios de legitimação literária, reconhecendo como raça e poder operam na construção do cânone brasileiro.

2.3 DOR, CORPO E MEMÓRIA NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: APROXIMAÇÕES COMPARATIVAS

A literatura afro-brasileira contemporânea tem se constituído como um espaço privilegiado de elaboração estética e política das experiências históricas de dor, violência e resistência vividas pela população negra no Brasil. Em relação a esse cenário, o texto literário passa a funcionar não apenas como expressão artística, mas como território de memória, denúncia e reexistência. Diante desse panorama, a escrita negra contemporânea tensiona os

limites do cânone literário ao inscrever no centro da narrativa corpos e subjetividades historicamente marginalizados.

Quando o assunto é a poética da dor, autores como Jaime Ginzburg (2022) apontam que a literatura contemporânea frequentemente mobiliza a violência como categoria estética e ética, não para espetacularizá-la, mas para evidenciar seus efeitos persistentes sobre os sujeitos. Em tal contexto, a dor não aparece como elemento episódico, mas como marca estrutural que atravessa o corpo, a memória e a linguagem. Essa elaboração literária da dor dialoga com processos históricos mais amplos, nos quais o trauma coletivo se converte em matéria simbólica.

No que está vinculado ao corpo, ele emerge como espaço central de inscrição dessas experiências. A literatura afro-brasileira contemporânea frequentemente representa o corpo negro como lugar onde se acumulam tanto as violências sociais quanto as possibilidades de afirmação e beleza. Conforme argumenta Nilma Lino Gomes (2017), o corpo negro, quando narrado a partir de uma perspectiva de autoria negra, deixa de ser objeto e passa a ser sujeito de discurso. Ou seja, trata-se de um corpo que fala, lembra e ressignifica sua própria história, rompendo com representações estereotipadas historicamente impostas.

Essa centralidade do corpo está intimamente ligada à dimensão da memória. Quando o assunto é memória na escrita afro-brasileira, ela não se restringe à lembrança individual, mas se configura como memória coletiva e ancestral. Em tal contexto, a literatura opera como um arquivo alternativo, capaz de preservar experiências silenciadas pela história oficial. Segundo Assmann (2011), a memória cultural se constrói por meio de narrativas que resistem ao esquecimento e permitem a continuidade simbólica de grupos historicamente subalternizados. Desta forma, na literatura negra contemporânea, lembrar é também um gesto político.

A noção de escrevivência, proposta por Conceição Evaristo (2017), torna-se central para compreender esse movimento. Ao articular escrita e experiência de vida, a escrevivência desloca a literatura do campo da abstração pura e a reinsere na materialidade da existência. Em relação a isso, a dor narrada não é apenas individual, mas compartilhada, atravessada por memórias familiares, comunitárias e históricas. Diante desse panorama, a escrita se configura como prática de elaboração simbólica do sofrimento, mas também como estratégia de sobrevivência e afirmação identitária.

Para além do exposto, a literatura afro-brasileira contemporânea frequentemente constrói uma poética do silêncio que difere daquela observada na tradição simbolista. Quando o assunto é o silêncio nessas produções, ele não aparece apenas como ausência, mas como pausa

carregada de sentido, como espaço de escuta e de elaboração. Conforme sugere Regina Dalcastagnè (2017), o silêncio, nesse tipo de narrativa, pode funcionar como denúncia das violências naturalizadas, revelando aquilo que não pôde ser plenamente dito. Acaba que o não-dito se transforma em força expressiva, convocando o leitor a reconhecer as marcas da exclusão.

Diante disso, o diálogo entre a obra de Cruz e Sousa e as poéticas afro-brasileiras contemporâneas se estabelece menos pela repetição formal e mais pela continuidade temática e simbólica. Em tal contexto, dor, corpo e memória aparecem como eixos que atravessam diferentes temporalidades, sendo constantemente ressignificados conforme as condições históricas e sociais de cada momento. Ou seja, a literatura contemporânea retoma essas categorias não como herança passiva, mas como campo de reinvenção estética e política.

Assim, a literatura afro-brasileira contemporânea revela-se como um espaço de elaboração crítica da experiência negra no Brasil, no qual a dor não é silenciada, o corpo não é reduzido à violência e a memória não é apagada. O fato é esse conjunto de produções amplia as possibilidades de leitura da tradição literária brasileira, evidenciando continuidades, rupturas e deslocamentos que enriquecem o diálogo com autores do passado. Em tal perspectiva, a comparação com a poética cruz-sousiana permite compreender como temas fundamentais se transformam ao longo do tempo, mantendo sua força simbólica diante das permanências do racismo estrutural.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, uma vez que se dedica à análise de sentidos, construções simbólicas e processos discursivos presentes na obra de Cruz e Sousa, bem como aos diálogos estabelecidos com produções afro-brasileiras contemporâneas. Quando o assunto é a interpretação de fenômenos culturais e literários, a consequência é que a pesquisa qualitativa se mostra mais adequada, já que permite compreender significados, tensões e ambiguidades que não podem ser apreendidos por meio de procedimentos quantitativos. Conforme destaca Minayo (2014), esse tipo de abordagem possibilita acessar dimensões subjetivas e simbólicas da realidade social, aspecto central para investigações no campo das humanidades.

No que diz respeito à natureza da pesquisa, trata-se de um estudo bibliográfico e documental. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros, artigos científicos, dissertações e teses, permitindo ao pesquisador um contato direto com as contribuições teóricas já consolidadas sobre determinado tema. Em tal contexto, foram mobilizados referenciais da teoria literária, da crítica cultural e dos estudos sobre raça, silenciamento e representação, fundamentais para a sustentação analítica do trabalho.

Paralelamente, a pesquisa caracteriza-se como documental, uma vez que utiliza obras literárias como fontes primárias de análise. De acordo com Lakatos e Marconi (2017), a pesquisa documental vale-se de documentos que ainda não receberam um tratamento analítico sistemático, ou que podem ser reinterpretados à luz de novos problemas de pesquisa. Diante desse panorama, as obras de Cruz e Sousa são compreendidas como documentos culturais e históricos, capazes de revelar tanto procedimentos estéticos quanto marcas simbólicas do contexto em que foram produzidas.

O corpus principal da pesquisa é composto pelas obras Broquéis e Missal, além de textos selecionados de Evocações, de Cruz e Sousa. A escolha dessas obras se justifica por sua relevância na consolidação do Simbolismo no Brasil e pela recorrência dos eixos temáticos da dor, do silêncio e da transcendência. Resultando num recorte do corpus que prioriza poemas e trechos que evidenciam de forma mais consistente esses elementos, respeitando a coerência interna da produção do autor e os limites propostos pelos objetivos da pesquisa.

Como corpus complementar, são mobilizados textos de autores e autoras afro-brasileiros/as contemporâneos/as, utilizados a partir de uma perspectiva comparativa. Cabe ressaltar que essas produções não constituem o objeto central da investigação, mas funcionam como contraponto interpretativo, permitindo identificar continuidades, deslocamentos e

ressignificações temáticas. Em relação a isso, Gil (2008) aponta que a pesquisa exploratória e comparativa contribui para ampliar a compreensão do fenômeno estudado, especialmente quando se trata de objetos complexos e multifacetados.

O método de análise adotado é o analítico-interpretativo, com perspectiva comparativa. No que diz respeito a esse procedimento, a análise dos textos literários privilegia a leitura atenta de imagens, símbolos, atmosferas poéticas, construções do silêncio e movimentos de transcendência, sempre articulados aos referenciais teóricos mobilizados ao longo do trabalho. Acaba que esse método permite ir além da descrição textual, buscando compreender como os elementos estéticos produzem sentidos e se relacionam com contextos históricos e culturais mais amplos.

Além disso, a pesquisa considera a relação entre texto e contexto, sem reduzir a obra literária a um mero reflexo da realidade social. Conforme ressalta Cândido (2019), a literatura mantém uma relação dialética com a sociedade, ao mesmo tempo em que reflete e transforma a experiência histórica. Em tal contexto, a análise busca preservar a autonomia estética da obra, reconhecendo, contudo, suas inscrições simbólicas e discursivas.

Para finalizar, o percurso metodológico fundamenta-se em referenciais da teoria literária, da crítica cultural e das ciências sociais, garantindo uma abordagem interdisciplinar coerente com os objetivos propostos. Diante desse panorama, a metodologia adotada possibilita uma leitura integrada da poética de Cruz e Sousa, articulando estética, história e memória, bem como seus desdobramentos simbólicos em diálogo com a literatura afro-brasileira contemporânea.

4 RESULTADOS E ANÁLISE

4.1 DOR E EXPERIÊNCIA-LIMITE NA POÉTICA DE CRUZ E SOUSA

Na obra de Cruz e Sousa, a dor não se apresenta como simples referência temática, mas como uma experiência-limite que atravessa a linguagem poética e organiza a construção do poema. Em textos de Broquéis e Missal, o sofrimento aparece incorporado à imagem, ao ritmo e à atmosfera, de modo que o leitor não apenas reconhece a dor, mas é conduzido a experimentá-la sensorialmente. Desta forma, o poema se torna o espaço onde a dor se intensifica e se transforma em forma.

Logo em Antífona, poema de abertura de Broquéis, percebe-se a presença de um universo imagético saturado, marcado por tensão e excesso. Ao invocar “Formas alvas, brancas, formas claras”, o eu poético constrói uma superfície aparentemente luminosa, mas que logo se vê atravessada por imagens de perturbação e conflito. Essa oscilação entre luz e peso produz um efeito de instabilidade, sugerindo que a elevação estética não elimina o sofrimento, mas convive com ele. Em tal contexto, a dor não é explicitada como sentimento nomeado, mas insinuada pela densidade das imagens e pela tensão entre os elementos evocativos.

Em outros poemas, a dor se associa diretamente a imagens de martírio e desgaste. Em “Violões que choram”, por exemplo, o sofrimento se manifesta de forma sensorial e quase física: “Vozes veladas, veludas vozes, Volúpias dos violões, vozes veladas...” (SOUZA, Cruz e. Broquéis).

A repetição insistente de “vozes veladas” cria uma atmosfera de opressão sonora, em que o lamento parece não encontrar saída. O verbo “choram”, atribuído aos violões, desloca a dor do sujeito para o objeto, expandindo o sofrimento para o ambiente. Ou seja, a dor não pertence apenas ao eu lírico, mas contamina o espaço do poema, tornando-se uma experiência difusa e coletiva.

No que diz respeito ao vocabulário, observa-se a recorrência de termos associados à ruptura, ao sofrimento e ao limite: sombras, abismos, ânsias, delírios, carnes, agonias. Essas palavras reaparecem ao longo da obra, criando um campo semântico que reforça a permanência da dor como estado contínuo. Em resultado, essa repetição não atua como redundância, mas como intensificação, fazendo com que o poema retorne sempre ao mesmo núcleo de tensão, sem alcançar uma resolução plena.

Em Missal, essa experiência-limite assume contornos ainda mais intensos. No poema “Alucinação”, o eu poético parece atravessado por estados extremos da consciência, nos quais

a dor se confunde com vertigem e excesso sensorial. A linguagem se torna carregada, quase sufocante, como se estivesse no limiar da dissolução. Em tal contexto, o sofrimento não conduz à clareza, mas ao descontrole, ao delírio, reforçando a ideia de que a dor, na poética cruz-sousiana, não é redentora, mas persistente e inquietante.

A estrutura dos poemas contribui decisivamente para esse efeito. A ausência de progressão narrativa clara, o encadeamento de imagens densas e a musicalidade obsessiva criam uma sensação de circularidade, como se o poema girasse em torno de um núcleo doloroso do qual não consegue se afastar. Quando o assunto é essa construção formal, percebe-se que a dor não está apenas no conteúdo, mas no próprio modo como o poema se organiza. O leitor é mantido em um estado de tensão contínua, sem alívio ou fechamento.

Nesse sentido, Alfredo Bosi (2006) observa que, na lírica simbolista, a intensidade da experiência poética se manifesta justamente na recusa da explicação racional e na valorização da sugestão sensorial. Essa observação ajuda a compreender por que, em Cruz e Sousa, a dor não se traduz em discurso analítico, mas em imagens excessivas, ritmos insistentes e atmosferas sufocantes. A dor não é explicada — ela é construída poeticamente.

Além disso, a experiência dolorosa compromete a estabilidade do próprio sujeito poético. Em diversos textos, o eu surge fragmentado, oscilando entre exaltação e colapso, como se a dor impedisse qualquer forma de equilíbrio. Resultando numa instabilidade que reforça o caráter de experiência-limite, na qual o sofrimento não apenas afeta o sentimento, mas desorganiza a própria percepção de si.

Diante disso, pode-se afirmar que a dor, na poética de Cruz e Sousa, funciona como princípio organizador da escrita. Ela orienta a escolha das imagens, molda o vocabulário, define a atmosfera e condiciona a estrutura do poema. Ou seja, a dor não está apenas no que o poema diz, mas no modo como ele diz. Em tal contexto, a experiência-limite do sofrimento se converte em linguagem simbólica, conferindo à obra cruz-sousiana uma densidade estética que exige do leitor uma leitura atenta, sensível e crítica.

4.2 SILENCIO, INDIZÍVEL E TENSÃO SIMBÓLICA

Na poesia de Cruz e Sousa, o silêncio não se constrói pela ausência de discurso, mas pelo esvaziamento progressivo da possibilidade de dizer. Em muitos poemas, o verso se alonga, acumula imagens e sensações, mas evita qualquer nomeação direta da experiência vivida. O efeito produzido é o de uma linguagem que contorna o sentido, aproximando-se dele sem jamais capturá-lo por completo.

No poema “Antífona”, que abre Broquéis, esse procedimento já se anuncia. A sucessão de imagens abstratas — “formas vagas”, “visões”, “símbolos”, “espectros” — cria um campo poético marcado pela indeterminação: “Formas vagas no ar sonoro Passam, cantam, choram, vibram...” (Souza, 1893, p. 7-8).

A ausência de referentes concretos impede a fixação do sentido. Não se sabe exatamente o que passa, canta ou vibra; sabe-se apenas que algo se move em um plano sensível impreciso. O silêncio emerge justamente dessa recusa à definição. O poema apresenta o movimento, mas retira do leitor a possibilidade de nomeá-lo com clareza.

Em outros textos, o silêncio se constrói por meio da fragmentação sintática. Versos que se encadeiam sem conclusão lógica criam uma sensação de suspensão contínua. Em “Sorriso Interior”, por exemplo, a experiência descrita não se realiza plenamente no plano da linguagem; ela permanece recolhida, interiorizada, quase inacessível: “E há sorrisos que não riem, Que ficam dentro da alma...” (Souza, 1893, s. p.).

Aqui, o silêncio se manifesta como recolhimento. O sorriso que “não ri” indica uma expressão contida, impedida de se exteriorizar. O poema sugere uma experiência afetiva intensa, mas bloqueada, como se a palavra não desse conta de traduzi-la plenamente. O não-dito passa a carregar mais peso simbólico do que a própria enunciação.

A repetição de imagens ligadas à sombra, à noite e ao recolhimento reforça esse efeito. Em vez de iluminar, o poema escurece; em vez de revelar, encobre. A escolha recorrente por cenários noturnos e atmosferas densas contribui para a construção de uma poética em que o silêncio não representa vazio, mas contenção. Em tal contexto, o sentido se produz não pela clareza, mas pela tensão entre o que se anuncia e o que se retrai.

Do ponto de vista formal, o uso de reticências e de versos inconclusos intensifica essa lógica. O poema frequentemente se encerra sem fechamento semântico, como se interrompido antes do término do pensamento. Essas interrupções funcionam como marcas gráficas do indizível, indicando que algo permanece fora do alcance da palavra. O silêncio, assim, se inscreve no próprio corpo do texto.

Dessa forma, o não-dito opera como elemento organizador da escrita cruz-sousiana. O poema não busca comunicar uma mensagem transparente, mas sustentar um estado de suspensão simbólica. A tensão gerada entre linguagem e experiência impede leituras estabilizadoras e mantém o texto aberto. É nesse espaço instável — entre o que se diz e o que escapa — que o silêncio se afirma como força poética fundamental.

4.3 TRANSCENDÊNCIA COMO GESTO POÉTICO E IMPASSE

Na poética de Cruz e Sousa, a transcendência não se apresenta como destino alcançado, mas como movimento incessante da linguagem em direção a algo que permanece fora de alcance. Diferentemente de uma perspectiva mística conciliadora, o que se observa em seus poemas é uma tentativa contínua de elevação que nunca se resolve plenamente. Consequentemente o gesto transcendente estrutura o poema, mas não oferece fechamento simbólico.

Em Broquéis, a linguagem frequentemente se orienta para planos elevados, espirituais ou metafísicos, por meio de imagens que remetem ao etéreo, ao absoluto e ao ilimitado. Termos como “infinito”, “eterno”, “ideal”, “astral” e “imaterial” surgem associados a uma busca de superação da experiência sensível imediata. No entanto, essa elevação não ocorre sem atrito. O poema tensiona constantemente o desejo de ascensão com a permanência do peso da matéria. Esse conflito se manifesta na coexistência de imagens sublimes e imagens densas, ligadas ao corpo, à carne e ao sofrimento. A linguagem espiritualizada não apaga a materialidade; ela convive com ela de forma conflitiva. Em tal contexto, a transcendência não representa fuga do mundo sensível, mas confronto com seus limites. O poema tenta se erguer, mas carrega consigo os sinais do que o prende ao chão.

Em Missal, essa tensão se intensifica pela interiorização da experiência transcendente. O movimento de elevação ocorre menos no plano da imagem grandiosa e mais no recolhimento subjetivo. A transcendência se desloca para dentro, assumindo a forma de estados de espírito, visões interiores e impulsos de abstração. Ainda assim, esses movimentos não se estabilizam. A linguagem sugere o acesso a uma dimensão outra, mas logo revela sua insuficiência para 16ustenta-la.

Do ponto de vista formal, essa busca pelo absoluto se expressa por meio de uma escrita que privilegia o excesso, o encadeamento contínuo de imagens e a recusa de sínteses conclusivas. O poema se alonga, acumula, intensifica, como se a própria expansão verbal pudesse aproximá-lo do transcendente. No entanto, essa expansão não culmina em resolução. Ao contrário, quanto mais a linguagem se estende, mais evidente se torna o impasse entre desejo e realização.

A transcendência, assim, não aparece como resposta à dor ou ao silêncio analisados nos tópicos anteriores, mas como prolongamento da tensão que eles instauraram. O poema não supera o sofrimento nem dissolve o indizível; ele os reinscreve em uma busca que se mantém inacabada. Diante desse panorama, a elevação assume um caráter paradoxal: é necessária para a organização simbólica do texto, mas insuficiente para oferecer sentido pleno.

Nesse sentido, a poética de Cruz e Sousa constrói uma transcendência em estado de permanente adiamento. O gesto transcendente move o poema, orienta sua linguagem e sustenta sua densidade simbólica, mas não se converte em solução estética ou existencial. Como consequência o valor poético reside justamente nesse movimento interrompido, nessa tentativa reiterada de ultrapassagem que nunca se completa.

Dessa forma, a transcendência funciona como eixo organizador da escrita cruz-sousiana, não por aquilo que resolve, mas pelo que mantém em tensão. O poema se eleva, recua, insiste, falha — e é nesse vaivém entre matéria e absoluto que sua força simbólica se afirma. Ao final, não há redenção nem síntese: há o gesto poético como espaço de confronto entre o desejo de infinito e os limites da linguagem.

4.4 DIÁLOGOS COM POÉTICAS AFRO-BRASILEIRAS CONTEMPORÂNEAS

O diálogo entre a obra de Cruz e Sousa e as poéticas afro-brasileiras contemporâneas se constrói a partir de ressonâncias simbólicas, mas também de deslocamentos históricos significativos. Se Cruz e Sousa escreve no final do século XIX, com Broquéis e Missal publicados em 1893, os autores e autoras contemporâneos/as produzem suas obras em um contexto marcado por outras formas de organização política, cultural e discursiva das identidades negras. Dor, silêncio e transcendência permanecem como eixos, mas assumem sentidos distintos conforme essas condições históricas.

Na poética cruz-sousiana, como analisado nos tópicos anteriores, a dor aparece interiorizada e frequentemente transfigurada em atmosfera simbólica, resultado de uma experiência-limite que se inscreve de forma oblíqua no texto. Já na poesia afro-brasileira contemporânea, especialmente a partir das últimas décadas do século XX, a dor tende a ser historicizada e corporificada. Em *Poemas da recordação e outros movimentos* (2008), Conceição Evaristo vincula o sofrimento à memória coletiva, às marcas da escravidão e às experiências cotidianas do corpo negro feminino. A dor deixa de ser apenas sensação subjetiva para se tornar narrativa de pertencimento e resistência.

Essa diferença histórica impacta diretamente o modo como o silêncio é trabalhado. Em Cruz e Sousa (1893), o silêncio se constrói como indizível simbólico, decorrente da insuficiência da linguagem diante do excesso sensível. Em Evaristo, especialmente em textos ensaísticos como *Da grafia-desenho de minha mãe* (2007), o silêncio aparece como imposição histórica — um apagamento de vozes negras — que a escrita busca romper. A noção de

“escrevivência” emerge justamente como resposta a esse silenciamento, transformando o não-dito em fala situada.

Movimento semelhante pode ser observado na poesia de Miriam Alves, cuja produção se inicia ainda nos anos 1980, com *Momentos de busca* (1983), e se estende por décadas. Em obras como *BrasilAfro Autorrevelado* (2010), a autora recusa o velamento simbólico característico do simbolismo finissecular. A dor é nomeada, localizada e associada a experiências concretas de racismo e desigualdade. O silêncio, aqui, não se apresenta como tensão estética, mas como algo a ser frontalmente combatido pela linguagem poética.

Por outro lado, alguns poetas contemporâneos retomam o silêncio como procedimento formal, embora por caminhos distintos dos de Cruz e Sousa. Em *Antiboi* (2017) e *Modelos vivos* (2010), Ricardo Aleixo explora fragmentações, cortes abruptos e vazios gráficos, fazendo do não-dito uma estratégia estética e política. Embora distante do simbolismo, esse uso do silêncio dialoga com a poética cruz-sousiana na medida em que recusa a transparência do discurso e aposta na instabilidade do sentido.

Na poesia de Edimilson de Almeida Pereira, especialmente em obras como *O homem da orelha furada* (1999) e *A roda do mundo* (2006), o silêncio assume outra configuração. Ele se associa à ancestralidade, ao rito e à oralidade, funcionando como espaço de escuta e memória. Diferentemente do impasse metafísico presente em Cruz e Sousa, a transcendência, aqui, se desloca para o campo da experiência histórica e cultural afro-diaspórica, vinculando-se menos ao absoluto abstrato e mais à continuidade simbólica entre passado e presente.

Diante desse panorama, o diálogo entre Cruz e Sousa (1893) e as poéticas afro-brasileiras contemporâneas não se dá por repetição temática, mas por ressignificação. Dor, silêncio e transcendência permanecem como núcleos simbólicos, porém reorganizados por novas possibilidades de enunciação. Se, no final do século XIX, esses elementos precisavam se inscrever de forma oblíqua e tensionada, hoje eles podem ser nomeados, confrontados ou reelaborados sem perder densidade poética. O que se mantém é a centralidade da linguagem como espaço de disputa entre experiência, história e sentido.

4.5 SÍNTESE DOS RESULTADOS

Este capítulo de análise teve como objetivo central compreender de que modo a poética de Cruz e Sousa articula dor, silêncio e transcendência no interior do Simbolismo, bem como investigar como esses eixos dialogam, por ressignificação, com poéticas afro-brasileiras

contemporâneas. A partir das leituras realizadas, foi possível sistematizar alguns resultados que respondem diretamente aos objetivos específicos propostos neste trabalho.

No que diz respeito ao primeiro objetivo específico — analisar a construção estética da dor, do silêncio e da transcendência na obra de Cruz e Sousa à luz dos fundamentos simbolistas —, constatou-se que esses elementos não aparecem como temas isolados, mas como princípios organizadores da linguagem poética. A dor se configura como experiência-limite que estrutura imagens, vocabulário e atmosfera; o silêncio emerge como tensão simbólica produzida pela insuficiência da palavra; e a transcendência se manifesta como gesto de elevação sempre inacabado. Esses três eixos se articulam de forma dinâmica, sustentando uma poética marcada pela intensidade sensível e pela recusa de sínteses conclusivas.

Em relação ao segundo objetivo específico — investigar a influência da condição racial de Cruz e Sousa e do racismo estrutural nos processos de silenciamento e na recepção crítica de sua obra —, os resultados apontam que o silenciamento não se limita ao campo extraliterário. Ele atravessa tanto a recepção histórica do autor quanto a própria configuração de sua linguagem, que recorre ao simbólico, ao indizível e à sugestão como formas possíveis de expressão em um contexto de exclusão. Acaba que o silêncio, longe de ser apenas recurso estético, também se relaciona às condições históricas de enunciação do poeta negro no final do século XIX.

Quanto ao terceiro objetivo específico — examinar as manifestações do corpo e da memória na poética cruz-sousiana como espaços de dor, resistência e elaboração simbólica —, a análise revelou que o corpo aparece frequentemente tensionado entre matéria e aspiração ao absoluto. A memória, por sua vez, não se apresenta de modo narrativo, mas como vestígio sensível, inscrito em imagens recorrentes de sofrimento, excesso e instabilidade. Esses elementos reforçam a compreensão da poética de Cruz e Sousa como lugar de conflito permanente entre experiência vivida e ideal simbólico.

Para finalizar, no que se refere ao quarto objetivo específico — estabelecer um diálogo comparativo entre a poética de Cruz e Sousa e produções afro-brasileiras contemporâneas —, verificou-se que dor, silêncio e transcendência permanecem como eixos relevantes, porém profundamente ressignificados. Autores e autoras negros/as contemporâneos/as, como Conceição Evaristo, Miriam Alves, Ricardo Aleixo e Edimilson de Almeida Pereira, reelaboraram esses elementos a partir de outros horizontes históricos, marcados por maior possibilidade de nomeação, denúncia e afirmação identitária. O que em Cruz e Sousa se constrói como tensão simbólica e impasse metafísico, na contemporaneidade tende a se deslocar para o campo da memória coletiva, da ancestralidade e da resistência política.

QUADRO 1 - SÍNTESE

Eixo analisado	Cruz e Sousa (1893)	Poéticas afro-brasileiras contemporâneas
Dor	Experiência-limite interiorizada; atmosfera simbólica	Dor historicizada e corporificada; memória e resistência
Silêncio	Indizível simbólico; tensão da linguagem	Silêncio como apagamento histórico ou estratégia formal
Transcendência	Gesto poético inacabado; busca metafísica	Deslocamento para ancestralidade, memória e afirmação
Linguagem	Sugestão, excesso sensorial, indefinição	Nomeação, fragmentação, denúncia e experimentação

Fonte: Autoria Própria (2025).

Diante desse panorama, os resultados indicam que a obra de Cruz e Sousa não se encerra em seu tempo histórico, mas continua a produzir sentidos quando colocada em diálogo com poéticas negras contemporâneas. Esse diálogo evidencia tanto continuidades simbólicas quanto rupturas decisivas, reforçando a ideia de que a literatura afro-brasileira se constitui por deslocamentos críticos e ressignificações constantes, e não por linearidade ou repetição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como propósito analisar a poética de Cruz e Sousa a partir dos eixos da dor, do silêncio e da transcendência, articulando sua produção simbolista do final do século XIX com poéticas afro-brasileiras contemporâneas. A pergunta-problema que orientou a pesquisa permitiu compreender que tais categorias não operam como temas isolados, mas como forças estruturantes da linguagem poética, atravessadas por condições históricas e sociais específicas.

Ao longo da análise, foi possível observar que, em Cruz e Sousa, a dor se configura como experiência-limite que organiza imagens, vocabulário e atmosfera, sem se converter em discurso explicativo. O sofrimento não é narrado de forma direta, mas transfigurado em linguagem simbólica, produzindo um efeito de intensidade sensível que desafia leituras estabilizadoras. O silêncio, por sua vez, não se apresenta como ausência, mas como tensão permanente entre palavra e indizível, revelando os limites da linguagem diante do excesso da experiência. Já a transcendência emerge como gesto poético inacabado, um movimento contínuo de elevação que nunca se resolve plenamente, mantendo o poema em estado de impasse.

Esses elementos, quando analisados em conjunto, evidenciam que a poética cruz-sousiana se constrói a partir do conflito, e não da síntese. A dor não é superada, o silêncio não é plenamente rompido e a transcendência não se concretiza como solução. Resultando que é justamente nesse estado de tensão que reside a força estética da obra de Cruz e Sousa, cuja escrita transforma a experiência de exclusão e sofrimento em linguagem de alta densidade simbólica.

O diálogo estabelecido com poéticas afro-brasileiras contemporâneas permitiu ampliar essa leitura, evidenciando tanto continuidades quanto deslocamentos. Autores e autoras negros/as que escrevem a partir da segunda metade do século XX ressignificam a dor, o silêncio e a transcendência a partir de outros horizontes históricos. Se, em Cruz e Sousa, esses elementos precisavam se inscrever de forma oblíqua e sugestiva, na contemporaneidade eles podem ser nomeados, confrontados ou reelaborados por meio da memória coletiva, da ancestralidade e da afirmação identitária. Ainda assim, permanece o entendimento da linguagem como espaço de disputa, resistência e elaboração simbólica.

Diante desse panorama, este trabalho contribui para uma leitura de Cruz e Sousa que ultrapassa abordagens exclusivamente formalistas ou biográficas, reconhecendo a complexidade de sua poética em diálogo com a história social e com a literatura afro-brasileira.

Ao situar o poeta dentro de uma tradição negra mais ampla, sem anacronismos, a pesquisa reforça a importância de leituras críticas que considerem tanto os limites impostos pelo racismo estrutural quanto as estratégias estéticas elaboradas para enfrentá-los.

Por fim, espera-se que esta investigação possa estimular novas pesquisas que aprofundem o diálogo entre literatura simbolista e poéticas negras, explorando outros autores, gêneros e períodos históricos. O estudo da obra de Cruz e Sousa, quando colocado em relação com produções afro-brasileiras contemporâneas, revela-se um campo fértil para compreender não apenas a literatura brasileira, mas também os modos pelos quais a linguagem poética responde, resiste e se reinventa diante da dor, do silêncio e da busca por transcendência.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALEIXO, Ricardo. **Antiboi.** Belo Horizonte: Crisálida, 2017.
- ALEIXO, Ricardo. **Modelos vivos.** Belo Horizonte: Scriptum, 2010.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019.
- ALVES, Miriam. **Momentos de busca.** São Paulo: Edição da autora, 1983.
- ALVES, Miriam. **BrasilAfro autorrevelado.** São Paulo: Edições Quilomboje, 2010.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira.** 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade.** 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.
- CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema.** 4. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil.** 18. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado.** Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos.** Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Escrevivências: identidade, gênero e violência.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. p. 15–23.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência.** São Paulo: Edusp, 2022.

- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **O homem da orelha furada.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 1999.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. **A roda do mundo.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870–1930).** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SODRÉ, Muniz. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade.** Petrópolis: Vozes, 2015.
- SOUZA, Cruz e. **Broquéis.** 1893. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- SOUZA, Cruz e. **Broquéis.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- SOUZA, Cruz e. **Missal.** 1893. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- SOUZA, Cruz e. **Missal.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- SOUZA, Cruz e. **Evocações.** São Paulo: Martin Claret, 2020.
- TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silencing the past: power and the production of history.** Boston: Beacon Press, 1995.